

Director, editor e proptietário
António Dias Pinto de Castro
 —
 Redacção e Administração:
 Rua da Rainha, 56-A
 Telef. 4515

Notícias de Guimarães

Composição e impressão
TIP. IDEAL
 Telef. 4381
 —
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

FUNDADO EM 1932

Ordem do dia: Progredir! Conversando...

Traz cada um dentro de si um arquitecto. Não um arquitecto para traçar os apositos da nossa casa, mas para fazer o aranzel-planta da nossa terra.

Esta *assembleia geral* de opiniões, não nos amofina.

Antes se agitem ideias, que se amorrinhem más vontades.

Se todos formos um pouco dúcetes, plásticos, é possível chegarmos a acordo. Se não em pormenor, ao menos nas linhas gerais do problema.

Entretanto, deixemos aos mestres urbanistas a planificação das obras reformativas.

Na verdade, já estamos de face com ideias feitas, projectos definidos.

Não caminharemos ao acaso. Assentou-se, criteriosamente, sobre a matéria. O *Diário do Governo* já nos revelou as linhas esquemáticas daquilo que se irá fazer.

Uma zona foi traçada, dentro da urbe antiga, que será respeitada. Talvez mesmo se possa acrescentar — que essa zona da cidade antiga será protegida.

E' isso o que importa, para que se não perca a poesia do passado, tão atractiva aos turistas que sabem ver e sentir. Por nós e por eles, essa poesia deve proteger-se.

Para além disto, há que aceitar a influência da nova escola. Estamos, com efeito, atravessando uma época de modernização avassaladora!

Novos materiais de construção, novos princípios de vida colectiva, imprimem à própria arquitectura outros canons. E a sua influência é tão dinâmica, que, na verdade, corre perigo o património venerando das nobres cidades, como a nossa.

E' evidente que esta paixão pelo antigo, não nos permite ficar estáticos. Há que acompanhar as novas exigências da técnica construtiva.

Também assim o pensa o arquitecto Luís Benavente, ao qual incumbe, pelo visto, a directriz prática das obras em projecto.

Entretanto, clamam de Coimbra, que, no *elan* das reformas feitas na cidade universitária, não fica pedra sobre pedra! O pitoresco do passado, é ali substituído pelo monumental.

Quem procure os recantos onde as tradições escolásticas viveram,

não os encontra. Ficaram soterrados!

Queira Deus que, a nós, tal não aconteça! Guimarães perderia com isso. A sua face enrugada, patinada, que tão bem lhe fica à sua história, não ganharia com a mutação. Seria mutilação!

E' neste pensamento evocativo que gira a acção dos reformadores oficiais voltados para a nossa terra.

Quando evocamos a face histórica da nobre Guimarães, não é por caturrice, por ancestralidade.

O amor à terra, não nos faz estáticos. Queremos marchar. Viver a nossa época. Acompanhar — como soe dizer-se — o progresso.

Sómente não concedemos ao *arrazo-se* do progresso, pleno domínio senhorial.

O passado, pelas suas próprias evocações de arqueologia artística, é atractivo. Eleva-nos o espírito.

Eça de Queiroz, quando leva um dos personagens dos seus livros a dizer — *Civilização, que massa dá!* —, não é porque deteste da Civilização as suas conquistas, mas apenas porque a deseja, sem asfixia, sem entumescimento. E' que, nada cança mais que o hodierno, sem peso nem medida.

Uma cidade, talhada a régua e compasso, em linhas de rígida geometria, não tem o interesse que se colhe de uma cidade onde a jornada dos séculos deixou vestígios das gerações que nela perduraram.

Eis porque nos batemos pela conservação, quanto possível, da austera fisionomia da nossa terra.

Venham, pois, de todos os sectores da opinião pública, sugestões defensivas deste critério restauracionista.

Não se perca de vista o bom parecer daqueles que, à nossa maneira, preconizam o alargamento da urbe, tomando como ponto de direcção as saídas para os espaços livres.

Já algo se projecta e vem realizando nesse sentido.

Arcela, Azurém, Creixomil, Urgeses, Costa, já estão na rede tentacular da cidade futura.

Perseverar neste sentido de marcha, eis o que importa.

Deem-se ensanchar para construções habitacionais, abrindo-lhe novas artérias.

Eis uma necessidade premente — na ordem do dia.

A. L. DE CARVALHO.

Certo, gostamos da Pintura — quando esta Arte tem desenho, harmonia, cor e volume. Gostamos da Pintura, enfim, dos velhos Mestres — velhos e sempre novos, velhos que não morrem, porquanto deixaram uma Obra eternamente *viva*, que todos os indivíduos sentem e admiram em maior ou menor intensidade, e não simplesmente *meia dúzia* de indivíduos, como acontece com certas correntes da Arte de Rafael.

Certo é, também, que muito e muito nos agrada a Escultura (não *trabalhos abstractos* como alguns que vimos há um ano na Bienal de S. Paulo!). A Escultura, a de um Canova, a de um Rodin, ou, entre nós, a de Teixeira Lopes, por exemplo, interessa-nos talvez mais, ainda, que a Pintura — talvez porque lhe podemos pegar, virar a nosso belo prazer, sentir, enfim, como um motivo da Vida bem concreto, bem palpável e expressivo.

Vem este exórdio a propósito de uma exposição de esculturas em bronze que nestes últimos meses visitei várias vezes, na Cidade Invicta, sempre com igual interesse, sempre com igual encantamento.

Essa exposição permanente num dos melhores estabelecimentos de gemas, pratas, etc., que da Península Iberica são orgulho, dá-nos em cada visita algo de novo e belo nos seus trabalhos, ainda que uma dúzia de vezes os tenhamos já servido com os olhos e com a alma.

Poderemos em seguida ver jóias, ver pratas, ou por aí fora, tecidos de tentação e muito mais que obrigue a mulher a parar, admirando e desejando... Mas coisa alguma, então, nos fará esquecer de pronto os bronzes que vimos. As suas imagens perseguem-nos, uma agora, logo outra, e mais outra, outra...

O negro, de Teixeira Lopes, rindo como só o negro sabe rir, rindo como já o vi para além de Portugal com sol abrasador, com os seus feticheis, as suas choças... Rindo, sim, esse negro magnífico, como se rindo da morte que perto espreitava o Mestre. Mas foi a morte a última a rir... a nosso grande pesar!

Bem mais que o negro, são a Isabelinha e o Augusto — as duas crianças que tantos motivos deram a Teixeira Lopes, o escultor por excelência dos pequeninos — que sobremaneira se fixam no nosso íntimo. Apece-se nos acariciá-las, faze-las falar connosco, pedir-lhes para que venham para os nossos braços! E que diremos dos *vagabundos* do mesmo Artista? Muito nos fazem vibrar também, sim, e vendo-os é como se vissemos pequeninos vagabundos de carne e osso que o saudoso Apóstolo da «Casa do Gaiato» teria aconchegado a si e ao Lar da sua grande família!

Por Isaura Correia Santos.

Outros e outros trabalhos de Teixeira Lopes nos encantam a par de Obras de vulto de Soares dos Reis, de Oliveira Ferreira, de Sousa Caldas, de Henrique Moreira, etc.. Contudo, cremos que para além dos «Meninos», da «Mulher de Ovar», da «Fiandeira», da «Angústia», das «Inglesas», do «Chapelo», do «Desterrado», etc., etc., a imagem de bronze que mais nos enternece e por mais tempo perdura no nosso espírito depois de deixarmos esse «estabelecimento museu», é aquela que nos mostra um símbolo do Amor Maternal num belo trabalho de C. Cumbernwith. Formosa figura de Mãe com um filhinho nos braços, ao alto, numa expressão de enternecer e encantar.

Sem dúvida alguma que é dos grupos mais expressivos e harmoniosos que, no género, temos visto até hoje. Vendo-o, de súbito nos sentimos ante o melhor poema da Mulher — a Maternidade.

UM PAÍS PRIVILEGIADO

A grande extensão do seu território faz com que o Brasil possa, por dizer-se, todos os climas e com que, por essa razão, o seu solo se preste admiravelmente a mais diversas culturas. Resta que os homens saibam aproveitar esta dádiva do destino.

Num dos seus editoriais, diz o «Jornal do Brasil»:

— Só se fala em café, mas temos o cacau da Bahia, que é o melhor do mundo e que... ai de nós!... não sabemos exportar para a Europa, a Alemanha, principalmente... Planta-se, agora, nos Estados sulinos, a oliveira. Será uma riqueza futura. Mas também de muita perseverança, entusiasmo mesmo, se precisará para que nos faça auto-suficientes em azeite... Agora, uma outra verdade existe... Temos frutas europeias... Belas! Saborosas! Grandes! Coloridas! Sim, tudo isso, mas, por enquanto, com essas características, apenas num só lugar do Brasil: São Joaquim, Estado de Santa Catarina! As montras das Empresas de Aviação e uma certa casa comercial da Avenida têm mostrado a beleza desses pomos. Um tamanho bem acentuadamente maior que o comum e um colorido igual aos dos pomares da Califórnia.

O «milagre» verificado no Estado de Santa Catarina pode servir de exemplo. São Joaquim surgiu, como região de grande produção frutícola, quase ocasionalmente. Alguém plantou, ali, as primeiras árvores. E as árvores, algum tempo depois, frutificaram de maneira surpreendente. O solo e o clima confessaram o seu segredo. Depois, outros homens plantaram outras árvores, que também deram frutos. E tudo isto se realizou sem o aparecimento de técnicos, sem a supervisão do Ministério da Agricultura.

«E São Joaquim apareceu na história da ecologia brasileira: o melhor lugar do Brasil para as fruteiras brasileiras».

Agora, aquele recanto do Estado de Santa Catarina lança-se abertamente na produção frutícola em grande escala. Pensa-se, simultaneamente, na construção de novas estradas, de estradas que, para transporte das frutas, liguem o Município de São Joaquim ao Rio de Janeiro e a São Paulo.

O «Jornal do Brasil» conclui com as seguintes palavras: — «juntamente com uma verdadeira fonte de vitaminas, teremos uma economia enorme de divisas».

As perspectivas, em boa verdade, são prometedoras.

Uma Delegação de Forças de Terra e Mar, da Índia e do Ultramar vem a Guimarães receber a Bandeira para a Índia

A cerimónia da entrega de Uma Bandeira de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães ao povo e às tropas da Índia Portuguesa, que nesta cidade se efectuara no dia 5 de Agosto próximo, por iniciativa do Município, vai revestir-se, a avaliar pelas notícias que chegam até nós, da maior imponência, constituindo uma manifestação patriótica de elevado significado.

A Bandeira, a que já tivemos oportunidade de nos referir, obedece a um desenho feito propositalmente pelo pintor vimaranense António Lino e terá, naquele dia, a guarda de honra feita por uma força de cavalaria 6. Para tomar parte nas cerimónias, a que assistem alguns membros do Governo, aos quais será feita uma condigna recepção, desloca-se a esta cidade uma Banda Militar, que naquele dia se incorporará na Procissão de S. Gualter e dará um concerto, à noite, no Jardim Público.

Poderosos holofotes do exército iluminarão, na noite do dia 5, a montanha da Penha e o Castelo de Guimarães.

Na altura da missa solene, durante a qual o Rev. Arcebispo Primaz procederá à bênção da Bandeira, será feita uma alocução patriótica pelo Rev. Dr. Gustavo de Almeida, de Lisboa, talentoso orador Sacro. As cerimónias religiosas serão abrihantadas por uma orquestra e coro de vozes, sob a hábil regência do maestro P.º Alberto Braz.

Os membros do Governo, que naquele dia honram Guimarães com a sua visita, serão recebidos junto do histórico Padrão de D. João I em S. Lázaro, onde se organizará

um imponente cortejo em direcção à igreja da Colegiada.

Após as cerimónias efectuar-se-á um almoço íntimo na Varanda de S. Jerónimo, no antigo Mosteiro da Costa e os Ministros farão, seguidamente, algumas visitas na cidade, assistindo, depois, numa tribuna no Largo do Toural, ao desfile da Procissão na qual se incorporará, com guarda de honra militar, a Bandeira que Guimarães oferece à Índia.

Dentro em breve deve ficar devidamente elaborado o programa das solenidades.

Entretanto sabemos que se desloca propositalmente a esta cidade, para receber a Bandeira, uma delegação de forças de Terra e Mar, da Índia e do Ultramar.

Uma sugestão digna de apreço

A propósito do acto patriótico de que a nossa Terra vai ser cenário no domingo próximo, em que será feita a entrega de uma Bandeira para o Povo e Tropas da Índia, recebemos de um vimaranense uma carta que continha o seguinte alvitre:

«Uma das mais preciosas reliquias que enriquece o nosso Museu Regional Alberto Sampaio, e de que Guimarães muito legitimamente se orgulha, é sem dúvida o *Altar de Prata* oferecido por D. João I, juntamente com o seu Pelote, como prova de reconhecimento a Nossa Senhora da Oliveira por ter ganho a Batalha de Aljubarrota. Por isso mesmo permito-me alvitrar que a cerimónia da entrega da Bandeira para a Índia seja feita ante tão pre-

Barcarola

Por AURORA JARDIM

Sua voz: sol e ternura... Quando palra sobre a dela, E' luz rasgando negrura. Mar de prata... barco à vela... Barquinho que vem andando... Risco na prata do mar... E' sulco que vai traçando A luz do seu bem-amar. Hoje alegre como um sim, Depois triste, em amargura, Tudo é: principio e fim, Sua voz: sol e duçura.

«Quero-te! gosto de ti!» Voz a quebrar-se em desejo. Mar de prata, és aqui Vaga e frémito de beijo.

Mar de prata... barco à vela... Sós os dois, lá dentro vão. Calou-se, agora, a voz dela, Só fala seu coração.

Amor, queizume, sorriso... Barco à vela, sulco fundo. Todo o extase, num friso, E num beijo: boca do mundo!

cioso documento da nossa História, com a fé e a esperança de que ganharemos mais uma Batalha.»



Castelo de Guimarães

Nas Bodas de Ouro das famosas Festas da Cidade a inegalável Marcha Gualteriana será um número de rara beleza

Principiam já no próximo sábado as tradicionais Festas da Cidade, que este ano celebram as BODAS DE OURO da sua fundação e que vão revestir-se de muito esplendor, conforme o programa já aqui tornado público e que está despertando justificado interesse a avaliar pelo número elevado de pedidos de alojamentos chegados aos nossos hotéis e pensões.

As festas do presente ano vão ter a assistência de altas individualidades que aqui se deslocam para tomar parte nas festas cívicas da entrega de uma Bandeira de Guimarães para a Índia Portuguesa.

Como é já do conhecimento público, na tarde de domingo, dia 5, desfilará pelas ruas da cidade a grandiosa Procissão de S. Gualter, a que a Mesa da respectiva Irmandade procura imprimir toda a imponência.

As festas terão como chave de ouro a inegalável *Marcha Gualteriana*, esse número de rara beleza que tão cubicudo tem sido, em imitações por vezes audaciosas mas sempre infelizes, pois que só Guimarães, por intermédio da sua briosa mocidade, da incansável classe dos empregados do Comércio, sabe levar a efeito com brilho, com entusiasmo, com raro esplendor.

Podemos afirmar que a *Marcha* deste ano, a maior de quantas aqui se tem realizado, marcará indelével-

mente o seu lugar, pois deixará verdadeiramente maravilhados todos quantos tenham a felicidade de presenciar o seu desfile na noite do dia 6 de Agosto próximo e assistir à apoteose final que os deslumbrará certamente.

Para que o seu *sonho* maravilhoso seja, como vai ser, uma realidade a deslumbrar-nos a todos, não descansam um só instante os incansáveis e devotados *obretos* da «*Marcha Gualteriana*», que de tal modo querem uma vez mais cumprir a herança que receberam do saudoso Padre Gaspar Roriz, o inspirador do Cortejo de maravilha e do sempre querido professor José de Pina, que soube dar realização a tão simpática ideia.

Nas Festas da Cidade tomam parte as seguintes e reputadas Bandas de Música:

Sociedade Filarmónica Vimaranense, Oficinas de S. José, Sociedade Musical do Pevidém, Bombeiros Voluntários de Vizela e das Taipas, Música Arcoense, Bandas de Revelhe e Golães (Fafe) e de Calvos e Banda Marcial de Tarouquela.

Visitam-nos para se exibirem na festa do folclore que na tarde de segunda-feira, 6, se realizará no nosso Mercado, os seguintes e afamados grupos regionais:

Festada de Guimarães, Guimarães; Grupo Folclórico de Pevidém.

Continua na 3.ª página.

Na sua reunião de quarta-feira ROTARY CLUBE deliberou oferecer uma casa para o "PATRIMÓNIO DOS POBRES," em homenagem ao Padre Américo

A reunião de quarta-feira de Rotary Clube de Guimarães, assistiram, como convidados de honra, Monsieur Louis Panabiere, Boiseiro de Rotary Clube de Toulouse, e madame Panabiere, que estiveram de visita ao nosso país e os srs. Alcindo Ferreira Martins, nosso conterrâneo há pouco chegado de Angola e Manuel Fernandez Mayor, de Lisboa, tendo presidido o sr. Albano M. Coelho de Lima, secretariado pelo sr. Eng. Elder Rocha.

Logo no início da reunião, e a convite do Presidente, Madame Panabiere e o sr. Alcindo Ferreira Martins, procederam ao acto de sanção às bandeiras nacionais francesa e portuguesa. Seguidamente o Presidente saudou, em breves palavras, os convidados à reunião e, referindo-se à morte do Grande Apóstolo da Caridade Padre Américo, cujo elogio proferiu, propôs um minuto de silêncio em sua memória.

Tanto o Presidente como o Vice-Presidente do Clube manifestaram o desejo de ser prestada por Rotary Clube de Guimarães uma homenagem à memória do Padre Américo, concorrendo de algum

modo para o prosseguimento da sua notável Obra. O sr. Dr. Mota Prego usou então da palavra, propondo, a propósito, que o Clube, por cotização de todos os seus membros, oferecesse uma Casa para a obra do «Património dos Pobres», o que mereceu aprovação unânime, falando ainda sobre o assunto, dando à iniciativa a sua pronta adesão, os srs, Armando Martins Ribeiro da Silva, José Machado Teixeira, Albano M. Coelho de Lima, António Almeida Ferreira e eng. Helder Rocha, que ofereceu, também, os serviços da sua profissão.

O expediente, de que constavam vários officios de saudação à nova direcção do Clube, correspondência de alguns clubes do Brasil e França e um convite da Comissão do Património dos Pobres, para a missa que vai ser celebrada nesta cidade por alma do Padre Américo, foi lido pelo secretário sr. Eng. Helder Rocha que, no início, fez algumas considerações sobre vários assuntos.

O sr. Dr. João Mota Prego referiu-se à presença à reunião, como seu convidado, do sr. Alcino Ferreira Martins, saudando-o e recordando, a propósito, a velha amizade que entre ambos existe. A propósito fez algumas considerações à volta do grande movimento rotário e dos seus fins.

Falaram depois os srs. Alcindo Ferreira Martins e Louis Panabiere.

MISSA POR ALMA DO P.º AMÉRICO

A Comissão do Património dos Pobres manda celebrar, hoje, às 11 horas, no Templo de S. Francisco, uma Missa por alma do Saudoso Padre Américo.

E' seu desejo recolher nessa ocasião donativos que permitam construir uma ou mais casas para pobres com o nome do Padre Américo — homenagem imorreioira de

PROBLEMAS SOCIAIS

Pelo P. Manuel Matos.

Riqueza e Pobreza da Lavoura Nacional

Foi Goethe quem afirmou: «a natureza, como boa amiga, está sempre pronta a distribuir os seus dons aos que a sabem compreender e amar».

Mas quem melhor a compreende e mais amor lhe consagra, que o lavrador? E no entanto... quantas vezes...

No seu moderníssimo automóvel «Triumph», o Julinho, capitalista e industrial de salsicharia, chegou a Penha-Longa para uma visita ao seu caseiro.

Sita na encosta da serra, batida pelo sol logo ao nascer, irrigada pelas águas frescas e cristalinas que desciam, a cantar, lá das alturas, Penha-Longa era rico alfofres de gente honrada e laboriosa.

Nas suas encostas, perfumadas pelo aroma suave das flores silvestres, medravam cordeirinhos e burrecos, com os quais a petizada bravía se entretinha em seus seranos folguedos.

Alvinente e majestosa, lá estava a Igreja Paroquial, servida por um sacerdote velhinho, sentinela vigilante no meio do seu rebanho, exemplo acrisolado de virtude para aquela gente pura e sábia, que ele baptizou e ensinou a rezar.

Soaram badaladas no campanário. Era meio dia.

Mesmo junto do presbitério tinha Julinho, salsicheiro, a sua quinta, a mais linda e melhor cuidada de Penha-Longa.

A Dona Quitéria e suas duas meninas vieram também. — Que belo merendeiro trouxe-ram!...

Que rico cheirinho!... Sob a frondosa ramagem duma latada iriam comê-lo, cheios de apeteite.

O tio João, logo que presentiu a chegada do senhorio, coíou, para melhor as ajeitar, as suas nvevas suíças e correu ao seu encontro.

A tia Libânia apareceu, também, à porta da cozinha, limpando as mãos ao avental.

E o Zé e o Tónio, o Bento e o Luís, a Rosinha e a Micas, surgiram logo à volta da avózinha, tímidas, receosas, envergonhadas dos seus vestidinhos sujos e gastos.

Lá em cima, nas alturas da serra, andavam o Januário, filho, e a Olvívia, nora, e o criado Manuel, a carregar um carro de tojo para fazer as camas dos animais.

Dentro do eido, patos e patas, galos e galinhas, franginhos cristalhudos, um cão preso pelas cadeias e um gato amarelo que espreguiçava o rabo pela saia já velha da tia Libânia.

Nun canto do eido, coberto de vinhedo, entoava melodias, a água cristalina da fonte, que descia da serra e vinha cair, ruidosa, no tanque onde se amontoava para a rega dos milheirais da quinta formosa e linda.

O tio João abriu o portal ao senhorio a quem saudou, respeitoso, assim como a Dona Quitéria, a todos desejando boas vindas.

A Mimi e a Zézé, mal se apanharam fora do automóvel, correram à bica do tanque a refrescar as mãos mimosas.

— Que calor!... diziam elas.

Deixemo-los a almoçar, que são horas para isso e apenas registemos que, quando a tia Libânia achou propício o momento, vestindo já a sua roupa domingueira, a cheirar ao alecrim, apresento-lhes para sobremesa, um açafate-zinho de lindos pêssegos e açúcar branco.

Terminado o almoço, bem co-

re, que agradeceram o acolhimento que lhes foi dispensado.

O breve comentário da reunião foi feito pelo sr. Antonino Dias Pinto de Castro, que também felicitou o sr. Armando Martins Ribeiro da Silva, por seu filho ter concluído brilhantemente a sua formatura em Direito na Universidade de Coimbra, ao que todos os presentes se associaram.

O Presidente, ao encerrar a sessão, congratulou-se pela forma como a mesma decorreu e renovou aos convidados os seus agradecimentos pela honra que quiseram dar ao clube.

A quete para o fundo Paul Harris rendeu 385\$00.

O boseiro Louis Panabiere e sua esposa que nesta cidade estiveram dois dias, hóspedes de Rotary Clube, visitaram os museus e monumentos de Guimarães e a sua Estância da Penha, que sobremaneira os encantou, tendo seguido na quinta-feira para Braga, de visita à cidade e ao seu clube, acompanhados pelo Presidente sr. Albano Coelho de Lima, que em nome do clube vimezanense lhes ofereceu uma valiosa lembrança de Guimarães.

mido e bem regado, o Julinho, salsicheiro, quis dar um passeio pela quinta.

Acompanhou-o Dona Quitéria. A Mimi e a Zézé, essas ficaram a brincar com a água do tanque e foram, depois, para o pomar abanar os pessegueiros.

A tia Libânia soltou o cão para ir rilhar alguns ossos. E o tio João acompanhou o senhorio.

A quinta do Paço tinha custado ao salsicheiro 1.300 contos, ganhos, como com ufania afirmava, «com o suor do rosto».

Aproveitando, com habilidade, os momentos culminantes da guerra, teve artes para ganhar fortunas.

Conhecendo já Penha-Longa, onde vinha várias vezes comprar chouriços e presuntos da serra, quando uma Agência do Porto anunciou a venda da quinta do Paço, veio vê-la. Enamorou-se dela e comprou-a. Agora era a segunda vez que a visitava, e desta, em plena pujança de floração.

A' frente ia o Julinho, salsicheiro; atrás o tio João, que contava já setenta e três e, depois, de braços ao léu e peitoril muito decotado, a Dona Quitéria, a abafar em calor.

Fazendo as contas, o salsicheiro pensava em exigir uma renda que garantisse, pelo menos, o juro de dez por cento, do capital investido.

Passando de campo em campo, de leira em leira, o Julinho admirava a riqueza daquele solo úber e generoso.

E lá fazendo cálculos mentais ao número de carros de milho, pipas

Continua na 4.ª página

A Marcha

Gualteriana

Aproxima-se o dia em que, mais uma vez, se realizará por ocasião das nossas Festas Gualterianas, a tradicional, inconfundível e majestosa Marcha Gualteriana, cortejo de luz e esplendor que entusiasma e deslumbra uma multidão, uma avalanche enorme, que todos os anos nos visita, sempre em crescente progresso.

Este ano, ficará perduravelmente memorável, porque tudo nos leva a crer, com robusta razão, que os nossos laboriosos Empregados Comerciais irão dar-lhe o melhor do seu esforço, para que fiquem bem assinaladas, na história das nossas celebrações, que desde muito vêm sendo um feito de vulgar envergadura.

Como vimezanense, e noutros tempos contribuisse nesta simpática tarefa auxiliando tão sublime organização da Marcha, de sobejo avalio a multiplicidade de sacrifícios e cansaças necessários à boa conclusão deste empreendimento, pleoricamente cheio de coragem, e beleza sem igual.

Na delicadeza da presente conjuntura não resisto à tentação aliciente de acompanhar nesta demarcho os meus simpáticos camaradas a quem de alma, vida e coração, me uno fraternalmente, antegozando o desmedido prazer, de ver triunfalmente coroados os esforços que de bom grado dispendem. Vem isto a propósito de lembrar a todos os vimezanenses o quanto ficam devendo a essa pleiade de trabalhadores, a quem, em ocasião oportuna, certamente homenagearão, patenteando o seu reconhecimento.

Seja-me, por espírito de gratidão, permitido destacar, enaltecendo o nome do Ilustre Vimezanense e Douto Mestre José de Pina, que, entre outros, sempre foi a Alma Máter pela sua proficiência e bom gosto, tantas vezes postos à prova nesta árdua tarefa.

Por Guimarães. Pelas Festas Gualterianas.

R. RORIZ.

Caixa Geral de Depósitos

Segundo informação que recebemos, vai ser ultimada com urgência a expropriação das Casas do Largo do Toural, com vista à construção do novo edifício para a Caixa Geral de Depósitos.

Obras Municipais

Começou a demolição do edifício da Casa dos Pobres na rua de S. Dâmaso, procurando a Câmara fazer desaparecer, deste modo, o célebre colovelo, que deu origem a muitas e justificadas reclamações na Imprensa.

Reflexões

Retardado na Redacção

Dos assuntos que verdadeiramente nos prenderam a atenção na última semana, um deles refere-se à visita a Guimarães, por ocasião das Gualterianas, de alguns ministros e altas dignidades da Igreja.

O facto por si só nos desvanece, ao verificarmos que tão altas personalidades nos querem honrar com a sua visita.

Bom é que Guimarães comece a merecer a atenção de Suas Excelências.

Bem sabemos, no entanto, que não são as Festas que chamam aqui Ministros e Bispos.

A visita a Guimarães de Suas Excelências é um acto de patriotismo e de grandeza espiritual.

Guimarães foi o centro de onde irradiou a Independência — o Berço Sagrado da Pátria. E se daqui partiram as Hostes a combater os inféus, duas finalidades animavam esse guerreiro: alargar o Condamo e dilatar a Fé.

Foi assim, com os olhos postos na Cruz, que D. Afonso Henriques conseguiu a Independência.

Romagem de Fé e de Patriotismo, a visita de Suas Excelências em 5 de Agosto próximo.

E, para exaltação dessa Fé e dignificação da Pátria, quer Guimarães, com toda a pompa, oferecer à Índia a bandeira de Nossa Senhora da Oliveira, ricamente trabalhada em linho da região.

Já há quatro séculos atrás Guimarães teve idêntica ideia.

Novamente, e neste momento oportuno, a bandeira de Santa Maria de Guimarães, Padroeira de Portugal, irá como outrora até à Índia incutir coragem aos nossos compatriotas que nessas paragens longínquas da Ásia sofrem as agruras e maus tratos dos seus vizinhos.

Essa bandeira, para os portugueses da Índia será um símbolo a suavizar as saudades da Mãe-Pátria.

Vem, pois, Suas Excelências até Guimarães, representando o Governo da Nação, e ali em baixo, ao fundo da Rua D. João I, junto ao Cruzeiro dos Pombais — um nota-

vel Padrão histórico — serão recebidos pelas autoridades locais, dirigindo-se em seguida toda a comitiva para a igreja de Nossa Senhora da Oliveira.

Neste templo de tão ricas e históricas tradições desde o acto votivo de D. João I, após os actos religiosos será benzida a bandeira pelo Primaz das Espanhas e entregue a Sua Excelência o Ministro da Defesa, o qual por sua vez a confiará aos nossos soldados, defensores e portugueses da Índia.

Cerimónia de Fé e Patriotismo, de beleza histórica, de intensa e viva união dos portugueses quer da metrópole quer das províncias ultramarinas.

Vamos assistir com júbilo e amor patriótico a estas cerimónias que não de calar bem fundo nas almas bem formadas, que não de ser bem sentidas por todos os Senhores Ministros que se dignarem assistir, e com eles o coração de Salazar, que vive e sente lá longe todos estes momentos de exaltação patriótica.

Guimarães só tem que agradecer, Guimarães sente-se orgulhosa e receberá com brilho, como é seu costume, esses altos dignitários da Nação querida.

A vinda a Guimarães, no momento presente, de Sua Excelência o Ministro da Defesa, constitui para todos nós uma esperança bem viva dos nossos anseios, e podemos até afirmá-lo uma certeza breve para as nossas mais íntimas aspirações.

Com isto não queremos de maneira alguma ofuscar as restantes personalidades governativas que farão parte da comitiva e que serão hóspedes de honra da cidade.

Para nós vimezanenses todos merecem a nossa admiração, a todos estamos gratos pelo conceito em que é tida a velha cidade da fundação. Todos os membros do Governo vivem no momento presente as nossas aspirações justas e estou certo que Guimarães vai em poucos anos sofrer uma transformação radical com o progresso que se lhe vai imprimir.

ZÉ DA ALDEIA.

Carta A UMA SENHORA

Retardada na Redacção

Minha Senhora:

Quer por parte da Imprensa, quer pela da opinião pública, tornou-se digna do melhor acolhimento a proposta do sr. José Maria Pinto de Almeida, digno Vereador Municipal, por meio da qual fez oportuníssimas considerações referentes ao custo da vida, nesta cidade, com manifesto reflexo nas classes menos abastadas. Mediante a citada proposta, o seu Autor, que principiou por apresentar como justificação da sua atitude as atribuições inerentes ao seu pelouro, alongou-se em justificadas citações que traduzem, de facto, o que se passa nesse sentido, apontando abusos que são o pão nosso de cada dia e que constituem flagrante excepção relativamente a outras terras do país, onde o custo da vida não atinge tão marcadas exorbitâncias de preços, como, aliás, é confirmado por famílias que, pela força das circunstâncias, são obrigadas a fixar a sua residência nesta cidade. Perante semelhante estado de coisas, o sr. Pinto de Almeida pediu que fossem tomadas as aconselhadas providências tendentes a pôr cobro a tão descarados e maléficis abusos, uma vez que os mesmos não só prejudicam e agravam a vida das pessoas que são vítimas deles, como também concorrem para comprometer o prestígio desta terra, cuja tradição e cujo bom nome não devem nem podem ser prejudicados com a fobia da ganância e a criminoso arte de explorar. Impõem-se, portanto, severas medidas de repressão, designadamente quanto ao que se passa no Mercado Municipal, assunto a que já me referi numa das minhas cartas, embora com a opinião antecipada de que seria malhar em ferro frio, mas, pelo menos, com a certeza de que cumpriria um dever de consciência perante os constantes clamores das pessoas que mais sentem os efeitos das agruras da luta pela vida.

Porém, desta vez, o ataque tornou-se mais incisivo e atingiu escala mais elevada por ter sido feito em plena sessão Camarária e por pessoa de reconhecida idoneidade no lugar que ocupa como intérprete dos anseios dos oprimidos da hierarquia social.

Resta, agora, que a proposta em referência seja encarada com firmeza de vontade e sem contemplicações, tanto para os que abusarem como para os que não cumpriram as ordens superiores para a repressão dos abusos verificadas.

Não se pretende, evidentemente, criar um ambiente, que, por sua vez, dê lugar a outra espécie de abusos, isto é, fazer-se uma fiscalização com brandura para uns e

com rigidez para outros. Se, porventura, assim viesse a acontecer, não seria possível conseguir a finalidade da proposta a que me refiro, não com a intenção de me tornar agradável a quem a apresentou e a quem a aprovou, mas simplesmente por que não costume deixar de fazer justiça, seja a quem for, sem abdicar do que eu sou.

De resto, como responsável pelos meus actos, censura quando devo censurar e louvo quando devo louvar.

No caso presente, louvo a proposta do sr. Pinto de Almeida e faço votos pelo seu bom êxito, lembrando, apenas, que a fiscalização no Mercado Municipal deverá ser extensiva ao estado sanitário do peixe, da fruta, etc., sendo certo que, quanto a este sector, existem as respectivas autoridades encarregadas de velar pela hygiene e saúde públicas, serviço que, não sendo feito dentro de um gabinete ou de um consultório, também exige deslocacões, como sucede em tantos outros casos. Enfim, aguardemos que não parem as esperanças em melhores dias e que desapareçam os ventos agrestes que de vez em quando fustigam as saudades daqueles tempos em que a especulação não exercia tão larga esfera de acção.

E esta, minha Senhora, a minha opinião, mas, acerca de opiniões, disse Alexandre Dumas (Filho): — «As opiniões são como os pêssegos; quanto mais se lhes bate mais se cravam». Poderei, por isso, afirmar que as opiniões contrárias à minha não se modificarão com o meu palavriado, sobretudo quanto às pessoas a quem não faz diferença comprar por trinta o que outras não podem comprar por cinco!

E basta, porque esta carta já vai além da «Lel do menor esforço»....

Julho de 1966. De V. Ex.ª cd.º ven.º e ob.º X.

O Transporte da Penha

No domingo, tendo havido festas na Penha e estando um dia de muito calor, grande número de pessoas procurou ir passar a tarde à Penha, aproveitando para o efeito as anunciadas carreiras de camionetes, que estão a ser exploradas por uma empresa de transportes.

Verificou-se, porém, perante indignação geral, que a empresa não cumpriu os horários e não respeitou, sequer, as marcações de bilhetes feitas com muita an-

O ROTARISMO

VISTO POR UM NÃO ROTÁRIO

A história é banal mas recordo-a muitas vezes, pois tem com frequência oportunidade e cabimento na vida prática.

Era eu ainda miúdo, uns cinco anos, seis talvez... puseram-me na mesa um azeite para mim então exótico: polvo guisado. Olhei os pedacitos verrugosos do molusco e os seus delgados tentáculos guarnecidos de minúsculas ventosas e declarei sentenciosamente que não queria. Tal recusa provocou a estranheza dos meus pais, estranheza que instado procurei esclarecer: não quero porque não gosto.

Tão categórica afirmação mais espanto lhes causou ainda, pois não se lembravam de que eu tivesse sido já alguma vez servido de tal prato e logo me foi exigida resposta mais elucidativa, que a incoerência da minha idade procurou esclarecer por este modo: não gosto disto porque... nunca covei. Escusado seria dizer, nem isto interessa para o caso, que entre lágrimas e gestos repulsivos fui obrigado a mastigar e ingerir os pequenitos tentáculos do excelente polvo de que hoje — diga-se em abono da verdade... — sou um apreciador ímerito, servindo-me de sábio exemplo na vida, essa lição que passei a colocar em todos os meus actos.

Esse o motivo porque, quando em Guimarães, há dias, me convidaram para assistente de uma reunião rotária, de pronto aceitei o amável convite, sem vacilações nem subterfúgios, pois tal recusa teria analogia com essa outra de não gostar de polvo pelo facto de nunca ter comido disso.

...E eu nunca assistira a uma reunião rotária, simplesmente escutara, até essa data, vagas referências nada esclarecedoras e vindas de pessoas (hoje estou convencido...) absolutamente leigas. Fins internacionalistas... tendências maçónicas... indivíduos desnacionalizados... objectivos secretos... um sem número de barbaridades (hoje posso como tal considerá-las...) que não me davam estímulo ou desejo de estudar o problema na sua essência.

Assisti, portanto, no Restaurante Jordão a uma reunião rotária em que se elegia uma gerência para novo exercício directivo, com a presença de companheiros rotários dos vários clubes do norte do país que ali iam confraternizar, em franca cordialidade, com os seus companheiros locais, e fiquei simplesmente maravilhado.

Maravilhado com a cordialidade que todos patenteavam; com a alegria sã e franca que a todos unia; com a hospitalidade do ambiente; enfim com a bela lição de civismo que sessenta convivas, davam ao mundo rotário... e não rotário.

E maravilhado também, é bom frizar, com as finalidades patentes e visíveis que norteiam os milhares de rotários espalhados pelas cinco partidas do mundo em cerca de nove mil clubes que actualmente existem, semeando a concórdia, a amizade, o companheirismo entre esses quatrocentos e cinquenta mil rotários, unidos sem distincção de credos políticos e religiosos no mesmo propósito de se tornarem amigos uns dos outros.

Nesta hora de angústias trágicas, em que tudo serve para dividir os Homens, divorciando-os, desde o aferventar dos ideais políticos ao fanatismo cego em que tantos elevam as suas crenças religiosas; do entrecocar dos interesses comerciais no campo internacional, às competições desportivas que dividem os homens pelas suas paixões dentro de seus próprios países; a existência de um organismo que procura e consegue, unir por laços de amizade os homens do Mundo, é tarefa do mais nobre e meritório significado e efeito.

Estou a ver daqui o riso irónico de uns tantos que me liam, procurando com esse riso duvidar da intrinsecidade e repulsa que sempre como militante pus nos princípios das doutrinas internacionalistas, sempre alta e claramente por mim proclamada ante todas as emergências.

Esses risos, eu poderia abafar e empalidecer com sintomáticos argu-

mentos que nem chegam a tornar-se precisos...

Não me parece crível supor que a boa amizade, o companheirismo entre os homens de todo o mundo, possa ferir o brio das nacionalidades que cada um tenha. Aqueles que assim o suponham devem ser contrários à organização dos Congressos Científicos Internacionais, contrários às finalidades filantrópicas da Cruz Vermelha, visto ser uma organização internacional também, como internacionais são também as religiões, as Olimpíadas e até... a filatelia.

A esses puristas por certo rebugnaria assistir às jornadas do Campeonato do Mundo do Hoquei em patins, simplesmente porque é vivido num ambiente internacional.

Tudo o que vi e senti, com olhos de ver e coração para sentir, nessa reunião rotária a que acidentalmente como convidado me foi dado assistir, foi o que de mais humanamente belo me podia ser patente nesta época conturbada pelas paixões cegas dos homens: um espírito de amizade sem reservas, empenhado em estimular e unir os homens entre si — uni-los pelos vínculos duma compreensão humana e justa.

As reuniões rotárias, decorridas entre o animado convívio dum repasto, versam os mais variados problemas de ordem cultural, onde cada companheiro fala daquilo que sabe, elucidando os que não sabem. E como entre rotários se acham representadas todas as profissões liberais, todas as actividades comerciais e industriais, os temas, sempre variados, transformam-se em proveitosas lições, úteis ensinamentos que ampliam o nível cultural de quantos a essas reuniões assistem.

E são tão «secretas» as suas finalidades que convidam a Imprensa para as suas reuniões, publicam boletins das suas actividades e editam em interessantes brochuras, as conferências mais sugestivas dos seus companheiros, nessas reuniões efectivadas.

Grande! Muito grande mesmo, a finalidade do movimento rotário que há 50 anos toma vulto e estrutura no mundo civilizado dos nossos dias e desde há 31 anos também no nosso país.

Bem haja a hora, para mim feliz, em que me foi proporcionado conhecer alguma coisa sobre esse grande e maravilhoso Movimento de solidariedade humana!

ARTUR TOJAL.

As Festas ao S. Cristóvão

Decorreram com grande brilho

As festas em honra de S. Cristóvão, promovidas mais uma vez pela briosa classe dos motoristas, decorreram este ano com invulgar esplendor e chamaram à magnífica Estância da Penha muita gente.

Estas festas, que se efectuam ininterruptamente há mais de 20 anos, estão a aumentar de ano para ano em entusiasmo e em brilho, pelo que só louvores merecem os seus promotores que se não poupam a esforços para bem se desempenharem da missão de que se incumbem. As festas deste ano foram abrihantadas por duas afamadas bandas de música, a da Sociedade Filarmónica Vimezanense e a da P. S. P. do Porto, e por um excelente Grupo Folclórico da Póvoa de Varzim, e no domingo se exibiu no Jardim Público, da parte de manhã e na Estância da Penha durante o festival que começou de tarde e se prolongou pela noite.

No sábado houve o costumado jantar de confraternização, que se realizou na Pensão da Montanha e registou grande número de convivas e bem assim a presença de componentes do Sindicato da Classe e de um representante do Automóvel Clube de Portugal, tendo presidido ao repasto o capelão dos motoristas, rev.º P.º Gaspar Nunes. Este sacerdote, na altura própria, fez uma breve alusão àquela festa, recordando os seus fundadores, após o que, em nome da Comissão deste ano, agradeceu a todos os que concorreram para o esplendor das festas. A propósito, citou alguns nomes, louvando-os merecidamente.

Durante os brindes fizeram também uso da palavra os srs. P.º Manuel de Matos, P.º Jorge Martins, de Felgueiras, António Faria Martins, Arnaldo M. Torres, delegado do Automóvel Clube de Portugal e José Maria Gonçalves.

Por fim foi nomeada a Comissão das festas para o próximo ano, que é assim constituída:

Presidente, Zeferino Duarte; Vice-Presidente, Alfredo da Silva;

Com GAZDOLA não tem fumo; tem economia! 483

tecedência para carreiras constantes do horário estabelecido. Isto impõe que sejam tomadas imediatas providências, porque o público não pode estar à mercê de um serviço tão péssimamente organizado.

Sabemos que no Posto da P. V. T. muitas reclamações foram apresentadas relativamente às deficiências que se verificaram e deram motivo a muitos e justificados protestos.

A Penha e os vimezanenses não podem continuar a ter um serviço de tal natureza.

FESTAS DA CIDADE

(Continuação da 1.ª página)

dém, Guimarães; Grupo Folclórico Poveiro, Póvoa de Varzim; Rancho Folclórico «Tricanas da Rua d'Além, A'gueda»; Rancho Folclórico do Centro de Recreio Popular «Leões da Floresta», Covilhã; Grupo Folclórico de Esqueira, Aveiro, com as Tricanas daquela região; Rancho Folclórico do Cartaxo, Cartaxo; Rancho Coral da Serra, Baixo Alentejo; e Agrupação Coral «De Ruada», Orense—Espanha.

Sendo desejo da Comissão das Festas da Cidade (Gualterianas), imprimir-lhes, no corrente ano, em que se comemoram as suas Bodas de Ouro, o maior brilhantismo, convidando todos os vimeirense a ornamentarem as varandas e janelas dos seus prédios com bandeiras e outras decorações, se possível for, com as características desta região e, por ocasião do desfile da grandiosa Procissão de S. Gualter, dar-lhe o realce que lhe é devido, colocando colgaduras nas sacadas.

A Etnografia nas Festas Gualterianas

Dado o êxito alcançado no ano passado pela exibição dos Grupos Folclóricos nas Festas Gualterianas, a Comissão das mesmas, para o presente ano, em que se comemoram as suas «Bodas de Ouro», deligeu dar à etnografia um lugar de relevo integrando-a nos seus números.

Assim, escolheu entre diversos Ranchos alguns que fizessem uma demonstração verídica das danças e cantares das diversas regiões do País. Não levando em conta o dispêndio que tal número acarretaria, foram contratados Grupos Folclóricos desde o Minho ao Baixo Alentejo.

Vem ainda colaborar neste grandioso Certame, um Grupo Espanhol, denominado «Agrupación Coral «De Ruada», de Orense, com a inconfundível alegria do Folclore da vizinha Espanha.

Este último Grupo, que é um conjunto que se tem exibido no Brasil, Argentina, Uruguai e nas mais diversas regiões de Espanha, deve vir a constituir uma atracção de êxito indiscutível. Este conjunto chega a Guimarães no domingo, dia 5, pelas 15 horas, sendo recebido no Grémio do Comércio. Pelas 16 horas, fará uma exibição no Jardim Público, cujas entradas serão a preços populares. Na segunda-feira, o mesmo agrupamento colaborará no Certame Etnográfico a efectuar no recinto da Praça do Mercado, pelos Grupos Nacionais e no Festival Nocturno, no Jardim Público.

Os Grupos Portugueses, que se exhibirão na segunda-feira, dia 6, concentrar-se-ão no Palácio de

Vila Flor, à Avenida de D. Afonso Henriques, donde desfilarão, em cortejo, pelas Ruas da Cidade, em direcção à Praça do Mercado, onde se realizará o Certame de Danças e Cantares Portugueses.

Este conjunto, à noite, exhibir-se-ão no Jardim Público.

Deste modo se faz uma resenha, evidenciando o valor Folclórico das Gualterianas que, pela variedade regional dos conjuntos, deve constituir caso único no País. Alguns destes Grupos já se têm exibido no estrangeiro e têm sido galardoados com prémios que atestam o seu real valor.

Itinerário do Cortejo dos Conjuntos

Avenida de D. Afonso Henriques, Largo do Prior do Crato, Largo do 28 de Maio, Rua de S. Dâmaso, Largo do 1.º de Maio, Rua de D. Maria II, Tournal e Rua de Paio Galvão.

Jantar de Confraternização Gualteriana

A Direcção do Grémio do Comércio resolveu organizar um Jantar de Confraternização Gualteriana, onde se reunirão todos aqueles que, durante 50 anos, deram o melhor do seu esforço em prol do brilhantismo das Festas da Cidade de Guimarães. Espera-se que esta Reunião de Confraternização constitua uma manifestação entusiástica de amor à Terra Berço da Nacionalidade, onde o esforço dos seus filhos é permanentemente um testemunho de dedicação à Grei.

Este Jantar realiza-se no Restaurante Jordão, pelas 20,30 horas de sábado, dia 4, estando aberta a inscrição para o mesmo, na Sede do Grémio do Comércio, na Casa das Gravatas, Casa Teixeira de Abreu & C.ª, L.da, Manuel Pinheiro Guimarães & C.ª, Sucrs., L.da, Casa Jaime e Casa das Novidades.

MARCHA GUALTERIANA

— Sua composição e organização

Abertura

Carro «Maravilhosa Fantasia da Fada» — Era uma vez... Só uma fada, sonhadora e de fino gosto, nos pode contar o que idealiza, e concentrada na sua bola de cristal nos descreve mais um conto de sonho, luz e cor.

Carro «Juventude Triunfante» — Maravilhoso grupo de marujas, com a sua graça juvenil, em cadência marcial, ao som de tambores e fanfarras.

Figurado — Sinaiores, Polícias, Operadores de Cinema, Fotógrafos, Ardinas, Cavaleiros Afonsinos.

Carro da Cidade — Dedicado à Ex.ª Câmara Municipal, Comércio e Indústria do Concelho.

CIDADE DE GUIMARAES, terra de grandes exemplos na fé, heroísmo, trabalho, cultura e fiel na sua palavra.

Figurado — Banda de Música, Cavaleiros Afonsinos, Caricaturas (Número vivo), Crocodidos (Número vivo).

Carro «Sinfonia da Flor» — Dedicado aos ilustres forasteiros. As flores, simples e harmoniosas, transformam a Natureza, num sonho que é real.

Figurado — Pavões, Pernaltas, Periquitos, Araras, Faisões, Cegonhas, Mochos, Pelicanos, Poupas, Pretos, Pica-paus, Cardiais.

Carro «Beleza e Desporto» — Dedicado a todos os desportistas Portugueses.

Sobre o manto branco de neve, o esquiador oferece-nos o encanto e a beleza do desporto.

Figurado — Hoquistas, Artistas de Cinema, Garotos do Bacalhau, Diabos, Varredores, Sapateiros, Amuladores, Criados de Mesa, Cozinheiros, Porquinhos Lobo, Tremuras (Número vivo).

Carro «Fantasia Espanhola» — Dedicado aos ilustres estrangeiros que nos visitam.

O som vivo e alegre da música, traz até nós a alegria efusante dum noite em Espanha.

Figurado — Bandarilheiros, Forcados, Capinhas, Tournos, Coelho, Fazendeiros, Cestos com galos,

Cestos com patos, Perús, Galos, Frescanturas (Número vivo).

Carro «No Império das Violetas» — Dedicado às gentis damas vimeirense.

A época faustosa de luxo e de pompa dos nossos antepassados, reflectida num maravilhoso quadro poético.

Figurado — Sécias, Damas Luiz XV, Cavalheiros Luiz XV, Barão Jácasta, Baronesa Jácasta, Alto Elogio, Senhor Severo, Amas Secas, Conde Jácasteve, Pato Donald, Panchitos Alegres, Bucha, Patatchon, Pat, Estica, Zés Cariocas, Adelaides, Papos-Secos, P'reirinha.

Carro «Uma Chama Oriental» — Dedicado aos heróicos defensores da Índia Portuguesa.

A Terra Mãe saúda o Império. **Figurado** — Festada regional (Número vivo), Rugsá regional, Lavradores, Lavadeiras, Gatas e Gatitos, Zés P'reiras, Porquinhos (Número vivo).

Carro «Alvorada da Mocidade» — Dedicado à Rádio e à Imprensa Nacional.

Castelos altaneiros, nos quais, numa alegria infinda, a mocidade desperta com o alvorecer da vida.

Figurado — Músicos Orientais, Bailadeiras Orientais, Chinesa, Bailarinas, Bobo, Pretos, Pretas, Branca de Neve, Anões, Figuras exóticas, Papa-Léguas, Mascote Malabaristas.

Carro «Capricho Aquático» — Dedicado aos fundadores da Marcha Gualteriana.

Água, Luz e Cor, num conjunto de sonho, beleza e magia.

Figurado — Banda de Música, Borboletas, Peixes, Pescadores, Vareiros Vareiras, Gorilas (Número vivo).

Carro «Ritmo Louco» — Dedicado aos artistas Portugueses.

Os palhaços e a música são o símbolo da alegria e da Arte.

Figurado — Equilibristas, Atletas, Boxeurs, Corredores, Elefantes, Macacos com Ananaz, Esqueletos, Palhaços, Palhaços (Número vivo).

Carro «Bodas D'Ouro» — Dedicado a todos aqueles que durante cinquenta anos contribuíram para o engrandecimento da Marcha.

Concepção simples, mas arriscada; Demonstração de uma vontade firme ao serviço de uma causa...

IMPORTANTE

Qualquer semelhança com figuras reais, é mera coincidência.

A aparelhagem sonora PHILIPS, cedida gratuitamente pela firma vimeirense A. Gouveia.

Todo o fogo luminoso aplicado na Marcha é da autoria da firma António J. Fernandes & Filhos — Lanhelas.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 24, mademoiselle **Gracia Maria da Silva Gonçalves**, gentil filha do nosso prezado amigo sr. Dr. José da Conceição Gonçalves e de sua esposa; no dia 30, a sr.ª **D. Maria das Dores Gonçalves Cardoso**, esposa do nosso bom amigo sr. Carlos Alberto Cardoso; no dia 1 de Agosto, o nosso bom amigo sr. **Salvador M. de Araújo Dantas**; no dia 2, a sr.ª **D. Rosa Emilia de Freitas Oliveira Cosme**, esposa do nosso bom amigo sr. **Manuel de Oliveira Cosme**; no dia 3, os nossos bons amigos srs. **Dr. Fernando Pizarro de Almeida**, **Carlos Pinto Leite** e **Mário Gomes Alves** e a sr.ª **D. Maria de S. José Pinheiro de Abreu Henriques de Azevedo**; no dia 4, os nossos bons amigos srs. **Domingos Alves Ferreira** e **Alberto Teixeira Carneiro**; no dia 5, mademoiselle **Maria Fernanda Faria Martins** e os nossos bons amigos srs. **Eng.º Fernando Flores de Matos Chaves** e **Francisco Dias Pinto de Castro**.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Delfim de Guimarães — Faz hoje anos este nosso querido amigo e distinto colaborador, residente em Vila Nova de Gaia, a quem queremos abraçar, com os melhores votos pela continuação da sua saúde e prosperidades.

Nascimento

Deu à luz o seu primogénito, a sr.ª **D. Modesta Augusta Ribeiro de Castro** e Costa, esposa do nosso bom amigo sr. João da Silva Costa. Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Partidas e chegadas

— Regressou de Mondariz ao Porto o nosso prezado amigo sr. Manuel de Sousa Guise.

— Com sua esposa esteve há dias nesta cidade o nosso prezado amigo sr. João Pedro de Sousa Guise.

— Regressaram de Lisboa os nossos prezados amigos srs. José da Costa Santos Vaz Vieira e Albano M. Coelho de Lima.

— Regressou da Curia o nosso prezado amigo sr. Antero H. da Silva.

— Regressou de Lisboa o nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto, Deputado à Assembleia Nacional.

— Com sua esposa tem estado nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Eng.º Fernando A. Flores de Matos Chaves.

— Com sua família tem estado na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. José Ferreira Martins.

— Regressou de Lisboa o nosso bom amigo sr. Luís António Martins Ferreira.

— Com sua esposa tem estado a veranear na Estância da Penha o nosso prezado amigo sr. Capitão Manuel de Jesus Rebelo da Cruz.

— Esteve nesta cidade e deu-nos o prazer de sua visita o nosso querido amigo e ilustrado Abade de S. Pedro da Raimonda, Rev. dr. Francisco de Melo.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Constantino Lira, hábil decorador, de Felgueiras.

— Tem estado na Póvoa de Varzim, com sua família, o nosso prezado amigo sr. João Alves da Silva Lobo.

— Ainda se encontram em Caldelas, a veranear, os nossos bons amigos srs. José Maria da Silva Castro, João Manuel Monteiro Valente e sua esposa, de Vila Nova de Gaia, e o sr. Acácio da Luz Sobral, correspondente do «Jornal de Notícias», em Riodades.

— Também de Caldelas, onde esteve a veranear, partiu para a Figueira da Foz, mademoiselle Maria Regina Ramos Moura, de Beijós, Viseu.

— Encontra-se entre nós, tendo-nos dado o prazer de sua visita, o nosso querido amigo sr. Francisco Vilarinho, de Lisboa.

— Com sua família tem estado na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. João M. Rodrigues Martins da Costa (Aldão).

— Também tem estado na mesma praia, com sua família, o nosso prezado amigo sr. Eng.º António Rodrigo de Araújo Pinheiro, vice-Presidente da Câmara Municipal.

— Regressou de Caldelas, onde esteve a uso de águas, o nosso prezado amigo sr. António Urgez Santos Simões.

— Regressaram de Vichy, os nossos prezados amigos srs. Augusto Pinto Lisboa, do Pevidém, e Joaquim de Sousa Oliveira, de Vizela, conceituados industriais.

— Encontra-se entre nós o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Alferes Francisco Alvaro Martins de Campos Guise.

— Com sua família encontra-se a veranear na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Dr. António Pereira Leite de Magalhães Couto.

Doentes

Foram recentemente operadas na Casa de Saúde da Boavista, onde se encontram hospitalizadas, a sr.ª **D. Amélia Martins Ferreira** e mademoiselle **Maria da Conceição Martins Ferreira**, esposa e filha, respectivamente, do nosso prezado amigo sr. Isidro José Ferreira.

— Tem continuado a experimentar sensíveis melhoras a sr.ª **D. Maria do Carmo de Castro** Martinho, esposa do nosso prezado amigo sr. José da Silva Martinho, das Taipas.

— Esteve doentinho o menino Pedro, estremecido filho do nosso bom amigo sr. Pedro da Silva Freitas.

— Continua a sentir sensíveis melhoras dos seus padecimentos o nosso prezado amigo sr. Fernando António de Almeida.

Desejamos obreve completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

D. Maria Salgado Ferreira de Araújo

Em S. Jorge de Selho (Pevidém), finou-se, após cruciantes sofrimentos e confortada com todos os sacramentos da S. M. Igreja, a sr.ª **D. Maria Salgado de Araújo Ferreira**, viúva do saudoso industrial sr. Antonio Ferreira de Araújo, mãe dos srs. João Ferreira de Araújo, casado com a sr.ª **D. Maria Correia Marques de Araújo**, e Manuel Ferreira de Araújo, casado com a sr.ª **D. Maria da Silva Dias de Araújo**, e das srs. **D. Ana Ferreira de Araújo**, casada com o sr. António da Costa Rodrigues Cardoso, **D. Carolina Ferreira de Araújo**, casada com o sr. João Ribeiro Ferreira, e **D. Emilia Ferreira de Araújo**, casada com o sr. José Pinto Teixeira da Costa, avós dos srs. António Ferreira de Araújo, casado com a sr.ª **D. Maria Eivira Parceiro Branco Araújo**, Eduardo Rodrigues Cardoso, casado com a sr.ª **D. Camila Ribeiro da Cunha Cardoso**, e Alberto António Rodrigues Cardoso e da sr.ª **D. Maria do Carmo Rodrigues Cardoso**, cunhada da sr.ª **D. Aurora**

Irmadade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos

CONVITE

Realizando-se no dia 5 do próximo mês de Agosto, com a maior imponência, a Procissão de S. Gualter, incluída no programa das Festas da Cidade, tenho a honra de convidar todos os irmãos a incorporarem-se no mencionado préstito religioso, que sairá da nossa igreja pelas 18 horas. Guimarães, 23 de Julho de 1956.

O Juiz,

António José Pereira Rodrigues.

Manuel Machado Faria

Agradecimento e Missa do 7.º dia

A Família do saudoso extinto agradece por este meio e profundamente sensibilizada a todas as pessoas que quiseram honrá-la com a sua presença no funeral, e participa que a missa do 7.º dia por sua alma será rezada na 3.ª-feira próxima, dia 31, às 8 horas, no templo dos Santos Passos. Antecipadamente confessa o seu reconhecimento a todas as pessoas que se dignarem assistir àquele piedoso acto.

Guimarães, 29 de Julho de 1956.

A FAMÍLIA.

da Silva Lemos Pinheiro e do sr. Manuel de Lemos Pinheiro, e tia da sr.ª **D. Amélia Gabriela Lemos Pinheiro** e do sr. João de Lemos Pinheiro.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, efectuou-se naquela freguesia, tendo tomado parte no préstito, numerosas pessoas.

A toda a família dorida, apresentamos sentidas condolências.

Manuel Machado Faria

Na sua residência no lugar do Montinho, freguesia de S. Miguel de Creixomil, finou-se na passada 4.ª-feira, contando apenas 50 anos de idade, o sr. Manuel Machado Faria.

O extinto era casado com a sr.ª **D. Antónia Rosa Machado Faria**, pai das srs.ª **D. Maria Josefa Machado Fernandes**, casada com o sr. Manuel Fernandes de Freitas, e **D. Maria da Conceição Machado** e dos srs. Vitorino Machado Faria, José Machado Faria e José António Machado Faria, e irmão da sr.ª **D. Maria da Glória Machado da Cunha**, casada com o sr. António Maria Ribeiro da Cunha, e dos srs. Abel Machado Faria, casado com a sr.ª **D. Maria Rodrigues de Oliveira Machado**, e Domingos Machado Faria, casado com a sr.ª **D. Maria da Madre-de-Deus Pereira Machado**.

O seu funeral efectuou-se na 5.ª-feira de manhã para o cemitério Municipal, tendo-se incorporado no préstito fúnebre, muitos automóveis que conduziam pessoas de família do extinto e outras das suas relações, assim como um piquete de Bombeiros Voluntários.

A Missa por sua alma foi celebrada no templo dos Santos Passos, registando numerosa assistência, devendo ser ali celebrada no dia 31, às 8 horas, a missa do 7.º dia.

A toda a família dorida, apresentamos condolências.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à R. da Rainha, Telef. 40424.

Com GAZCIDA não tem fumo; tem economia!

Ofertas e Procura

ÁFRICA

Esculturas e objectos indígenas, compram-se.

Falar com Eduardo de Oliveira Machado — Casa Penafort — GUIMARAES.

Aluga-se Habitação com garagem, quintal, água quente e fria, central. Nesta Redacção informa. 451

Aluga-se Um quarto confortável e devidamente mobilado e com direito a casa de banho com chuveiro e com água quente a qualquer hora e um aposento para escritório. Dão-se todos os informes na Redacção. 445

LOJA ALUGA-SE na rua Capitão Alfredo Guimarães, servindo para armazém. Tem bastante espaço. Falar com João Nobre, na referida rua. 467

MARIA DE LOURDES MEIRA Enfermeira - Parteira - Puericultora, Diplomada pelo Instituto Maternal. Rua de Francisco Agra 40. Telef. 4409 — Guimarães. 481

Tear manual Jackard, compra-se. Carta à Redacção. 484

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e más digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

PROBLEMAS SOCIAIS

Continuação da 2.ª página

de vinho, azeite, trigo e centeio, feijão e batata, a tudo quanto a quinta poderia produzir.

Calculando, até, o número de fruteiras dispersas pelos valados, imaginava o rendimento que tanta fruta daria na longínqua Praça do Bolhão.

— ... Dentro de dez anos devo estar reembolsado do capital... concluiu só para si.

— Quantos filhos tens, João? perguntou o salsicheiro.

— Em casa, casado, tenho o João, que conta 35 anos. Tem seis filhos vivos e outro na barriga da mulher. (A Dona Quitérinha olhou-o contrafeita).

— Fora, tenho mais oito. Três estão no Brasil, a Rosa e a Olívia, casadas cá na povoação, um na tropa e dois casados noutra aldeia, não longe daqui. E morreram quatro... Seriam treze, se todos fossem vivos...

— Sufa! disse Dona Quitérinha, muito baixinho. Dois chegam muito bem!...

— *Quizes-te* muitos filhos, disse o salsicheiro.

— São a nossa riqueza, senhor... Outra não temos, além da saudinha e da graça de Deus, respondeu o velho.

— Há quantos anos fazes a quinta, João?

— Eu trabalhei-a 46. Meu pai 35. E o meu João, desde que casou... há uns dez anos.

— E tens amor à terra?

— Porque não, senhor, se nela nascemos e dela vivemos... E nela que nós mais sentimos a mão de Deus!...

— O povo de Penha-Longa acredita em Deus? inquiriu o salsicheiro!...

— Pois claro, senhor. Então não havíamos todos de acreditar em Deus, que é quem nos cria, nos cobre com a sua graça e nos alimenta com os frutos da Natureza?

«Tan... tan... tan... tan... tan...» — Eram toques aflitivos na encada do trabalho.

— Acudam! Acudam! Eram gritos que desciam da serra e ecoavam sinistramente cá mais no fundo da encosta.

O tio João, sentindo uma pancada no peito, olhou para a serra e disse:

— Vamos embora... Há desastre, com certeza...

E estugando o passo, regressou a casa.

Descendo por caminho íngreme e lageoso, a nora Olívia vinha à frente do gado, agarrada à soga.

Do lado de cima da encosta, vinha o criado segurando o carro com o ancinho espetado no tojo ressequido e, atrás, o João de mãos firmes no travão.

Cheira a queimado. O João, irreflexivamente, abrandou o travão.

O carro avança. Os bois calcam a mulher, que fica prostrada no chão a gritar. E o carro e os bois rodam pela serra abaixo, indo tudo estatelar-se contra um enorme rochedo.

Alucinado, o João toma nos braços vigorosos a sua mulher inanimada. O criado grita por socorro. E lá no fundo o tojo incendeia-se.

Manuel corre, retira com custo os bois, dos quais um partiu uma perna e outro um chifre.

A tia Libânia, que assomara à janela da casa, descortinou, lá na encosta, a terrível catástrofe e sentindo no coração que aquilo era com o seu filho, caiu no chão sem sentidos. Os netos gritam e chega o avô. Entretanto, do presbitério, um ancinho que ouvira os pedidos de socorro, toca a rebate nos sinos da Igreja.

Ajunta-se muito povo que escala a serra para dominar o incêndio. Mas a labareda cresceu e quando chegaram os socorros, só restava um montão de cinzas fumegantes e ferros em brasa.

E para ali uns bois aleijados, uma mulher exânime, um homem abraçado a ela apavorado e um criado a chorar desatinado.

...O salsicheiro, adivinhando a tragédia, chama as tilhas, mete-as com a mulher no «Triumph» e foge para o Porto...

— Sufa! Que estopada! dizia Dona Quitérinha.

No dia seguinte, a nora da tia Libânia tinha um desmancho e a seguir uma infecção uterina que a pôs às portas da morte.

E para se tratar lá se foram as argolas de ouro, um cordão e o anel de casamento, além das correntes do João.

— Vá tudo, mas salve-se a mulher, dizia ele.

Entretanto foram abatidos os bois e vendida a carne ao desbarato, porque ficaram inutilizados para o trabalho.

Dois dias após o desastre chega do Porto uma carta do salsicheiro, que o tio João levou ao sr. professor para lhe ler. Rezava assim:

João:

Estimo que tu e os teus estejais de saúde. Nós óptimamente.

Tenho a dizer-te, João, que espero a tua visita nesta minha casa do Porto, o mais breve possível,

a fim de ajustarmos a futura renda da minha quinta. Vem tu, não mandes. Não te esqueças de me trazer alguns dos teus cabritos, pois tenho amigos a presentear.

Saúde para todos
Julio.

Ps. — A Mimi e a Zézé são muito gulosas pelas frutas.

O tio João suspirou profundamente e, regressando a casa, deitou um olhar triste à nora, beijou os netos e sentiu desejos de morrer.

Que saudades tinha dos tempos em que conhecia o seu senhorio e este convivia com ele, dividindo-se por ambos as alegrias e as tristezas da lavoura...

Riqueza da Lavoura do Minho... Tu estás, sobretudo, na alma cheia de fé do teu povo, nas cantigas brejeiras da tua mocidade, na poesia das geiras regadas pelo suor dos teus filhos. Riqueza... tu estás nesses braços fortes que revolvem a terra, em busca de tesouros... e nos filhos tenrinhos do casal que se ama com ternura.

Riqueza... tu és esse amor puro como o perfume das flores, esse carinho doce como o mel das abelhas... tu és essa poesia rutilante que inunda as campinas em Maio florido... tu és esse cantar do estio, na colheita dos frutos, a encher celeiros e corações.

...Mas, ó Lavoura do Minho... Quem saberá apreciar a tua pobreza... Ei-la na jaqueta revolta... nos tãmancos gastos... nas roupas do trabalho... na incerteza do tempo... na angústia das colheitas... no rigor das rendas... no olhar cubiceiro de quem te não tem amor...

Pobreza da Lavoura... tu encobres-te na folhagem e na ramaria dos teus pomares... És envergonhada e por isso te ocultas... Ninguém te quer ver... Aparece para que te vejam e pensem em ti...

A seguir:
O abono de família para as gentes da Lavoura.

Serviços Médico-Sociais
Federação de Caixas de Previdência
Sede: Avenida Manuel da Maia, n.º 58-2.º LISBOA

Aviso
Admissão de médicos da Clínica Médica para a Delegação Clínica de Pevidém (N.º 197)

Está aberto concurso documental, pelo prazo de 30 dias, a contar do dia 20 de Julho de 1956, para médicos de clínica médica da Delegação Clínica de Pevidém (N.º 197).

As condições de admissão ao concurso encontram-se patentes na sede da Federação — Avenida Manuel da Maia 58-2.º Esq., Lisboa, na Delegação da Zona Norte (Rua Alvares Cabral, 328 — Porto) e na Delegação Clínica em referência.

O prazo para entrega dos requerimentos e demais documentação constante das condições de admissão, termina às 18 horas do dia 18 de Agosto de 1956.

Lisboa, 14 de Julho de 1956.
A DIRECÇÃO.

FIBRA ARTIFICIAL
PHRIX
Agentes-Depositários
WANDSCHNEIDER & C., L.º
R. Cândido dos Reis, 74-2.º
TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO

Bem quente a qualquer hora
só com
IRIS
O cilindro eléctrico em que pode confiar
RUA DE COSTA CARVAL 443 TEL. 4071 - PORTO

SOFRE DOS CALOS?
Não perca tempo e dinheiro com deslocações a outras terras para os tratar!
Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471. 17

Professora de Dança
Ensina a dançar
Ensina a ambos os sexos, individual ou colectivo, todas as danças modernas, deslocando-se da cidade do Porto, uma vez por semana.
As horas e o local das lições são a combinar com os seus alunos ou alunas, em Braga, Guimarães e zonas limítrofes.
Aceitam-se desde já inscrições pessoalmente ou pelo correio para D. *Elvira Ribeiro* — Rua do Almeida, 565-3.º — Sala 5 — Porto. 419

Campeonato do Minho

Hoquei em Patins

Como temos noticiado este torneio tem prosseguido dentro da maior expectativa.

A última jornada da primeira volta, jogada na quarta-feira, dia 18, deu os seguintes resultados: Académico 0 — Vitória 5; Tebe 2 — Hoquei 1; Vianense 3 — Taipas 1 e Famalicense 8 — Barcelinhos 2.

O Vitória alcançou assim um óptimo resultado no rink da vizinha cidade de Braga.

A equipa vimaranense exibiu-se plena de confiança e o resultado foi crescendo sem nunca aparentar dificuldades.

Na sexta-feira seguinte o Vitória foi jogar às Taipas o encontro em atrazo com a equipa daquela Vila. Os vimaranenses, embora o resultado fosse sómente 2-1, venceram bem numa demonstração de superioridade que aliás a tabela classificativa da prova põe em evidência.

De lamentar sómente o acolhimento pouco correcto que mais uma vez o público daquelas Termas teve para com a equipa da sede do seu concelho.

Felizmente o espírito desportivo dos vimaranenses foi superior ao ambiente que envolvia o rink e conquistou o triunfo que logicamente todos os vimaranenses previam.

A primeira jornada da 2.ª volta, jogada nos últimos sábado e domingo, apresentou os resultados que se seguem: — Tebe 1 — Vitória 2; Taipas 13 — Hoquei 0; Académico 7 — Barcelinhos 1 e Vianense 2 — Famalicense 3.

Deste modo o Vitória alcançou o seu 3.º triunfo consecutivo fora de casa, encaminhando assim decisivamente a sua equipa para o título regional. Este está praticamente, desde agora, sómente ao alcance da equipa representativa de Guimarães e do Famalicense.

São de facto os conjuntos que têm demonstrado maior nível técnico e, portanto, a gloriosa incerteza do Desporto está nesta circunstância dentro da boa lógica. Daqui até ao fim da prova cabe às duas equipas ainda alguns jogos difíceis, sendo de prognosticar que aquela que apresentar maior fundo físico venha a triunfar no campeonato.

Na passada quarta-feira disputou-se a 2.ª jornada da 2.ª volta. No momento em que escrevemos não temos conhecimento do resultado do jogo Hoquei-Vianense, tendo nos restantes o Famalicense triunfado do Académico por 9-0 e o Tebe vencido o Barcelinhos por 3-1.

O jogo Vitória-Taipas, marcado para a Amadora não se efectuou por falta de comparência dos rapazes das Caldas, vindo estes, assim, a ser, segundo o Regulamento, derrotados por 5-0.

Não se compreende, de modo algum, a atitude tomada pela equipa visitante. A Direcção do Vitória tinha constatado que a abertura dos seus portões, para entrada de automóveis dentro do Campo da Amadora, no momento de maior afluência de público, facultava o alcance de «bórtas» por intermédio de muitos oportunistas.

Deste modo deliberou proibir as referidas entradas, e, assim, a equipa das Taipas que queria ir de automóvel para dentro da Amadora fez greve e resolveu faltar ao jogo.

Estas atitudes estão à altura do nível mental de quem as toma e, portanto, seria perder tempo em julgá-las. Sómente uma conclusão há a tirar delas: A equipa das Taipas não perdeu desta feita, em Guimarães, por mais de 5-0...

O torneio prosseguiu ontem, tendo o Vitória jogado em Barcelos contra o Hoquei daquela cidade. Na próxima quarta-feira a equipa vimaranense vai a Viana disputar um encontro, que, triunfando nele, a pode levar definitivamente ao título. No sábado seguinte joga em Guimarães, com o Vitória de Barcelinhos, Filial n.º 1 do nosso Clube, que deve ser acolhido pelo público vimaranense com o maior carinho, retribuindo assim a magnífica recepção feita ao Vitória quando se deslocou a Barcelos para jogar com a sua Filial.

EDITAL

Doutor José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães:

Faz saber que, a bem da ordem e segurança públicas, nos dias 4, 5 e 6 de Agosto próximo, dias em que se realizam as FESTAS GUALTERIANAS e é excepcional a aglomeração de povo, só é permitido o trânsito de quaisquer veículos, dentro desta cidade, nas seguintes condições:

Entrada de Santo Tirso: Rua da Liberdade. Estacionamento de veículos pesados: Rua da Liberdade, P. Borges de Sá, Cães de Pedra, Cruz de Pedra e Domínicas.

Entrada de Famalicão: Avenida Conde de Margaride, com parques obrigatórios no Mercado e terrenos do Estádio.

Entrada de Braga: Estacionamento obrigatório na Atouguia e terrenos do Estádio.

Entrada de Fafe: Com parques obrigatórios no Campo do Salvador e L. do Carmo.

Entrada de Lousada: Rua Capitão Alfredo Guimarães, com estacionamento de um só lado, Rua Dr. Joaquim de Meira ou então nos parques obrigatórios do Carmo e Campo do Salvador.

Carros de Aluguer: De 1 a 8 de Agosto próximo, passa a sua praça a ser no Largo Valentim Moreira de Sá (lado poente).

No Toural é proibido o estacionamento de carros particulares de 1 a 8 de Agosto próximo.

Nas Ruas: Santo António, é proibida a circulação no sentido Norte-Sul; Paio Galvão, é proibida a circulação no sentido Sul-Norte; R. das Lameiras, é proibida a circulação no sentido Norte-Sul; R. de S. Dâmaso, é proibida a circulação no sentido Poente-Nascente.

Dia 5 — Proibido o estacionamento de qualquer veículo, das 17 às 20 horas, nas seguintes ruas: S. Dâmaso, L. 28 de Maio (lado nascente), L. do Toural, R. de Santo António, Gil Vicente e Paio Galvão.

Dias 4, 5 e 6 — Proibido o estacionamento: Todo o L. do Toural, L. 28 de Maio (lado Norte), R. Paio Galvão e R. da Rainha.

Noite de 6 — É proibido o estacionamento das 21 até à 1 hora da madrugada no seguinte percurso: R. Paio Galvão, L. do Toural, L. 28 de Maio (lado Norte), R. de S. Dâmaso, Avenida Alberto Sampaio, P. Mumadona (lado poente), R. Serpa Pinto, L. do Carmo (lado Sul), R. Serpa Pinto, Av. Eng. Duarte Pacheco e R. de Santo António.

Os transgressores serão punidos na conformidade das leis e regulamentos policiais em vigor.

E para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos desta cidade e concelho.

Guimarães e Paços do Concelho, 25 de Julho de 1956.

O Presidente da Câmara Municipal,
José Maria Pereira de Castro Ferreira. 485

Com GAZCIDLA não tem fumo; tem economia! 483

Aluga-se Ótima casa acabada de construir. Falar na fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, Lid.ª, Telef. 4157. 432

AGENTE EM LISBOA Oferece-se para representar fábricas de tecidos e malhas. Informa em Guimarães a firma J. Teixeira & Companhia. 478

Electricidade J. Montenegro Máquinas
MONTAGENS ELECTRICAS
Fazem-se estudos e fornecem-se orçamentos grátis para a execução ou modificação de qualquer instalação eléctrica.
Instalações eléctricas industriais e de habitações, executadas por pessoal electricista montadores especializados.
Trabalhos executados conforme as Normas do Regulamento de Segurança em vigor.
Reparações em máquinas eléctricas de qualquer marca ou tipo, com garantia do serviço executado.
ESCRITÓRIO: — Largo 28 de Maio, 78-1.º — TELEFONE. 4510
GUIMARÃES

Excursão a Espanha
A Auto-Rodoviária do Minho
DE — AMANDIO DE OLIVEIRA
Participa ao Ex.º Público que organiza uma excursão a Espanha nos próximos dias 11, 12, 13 e 14 de Agosto, com o seguinte percurso:
Guimarães — Pontevedra — S. Tiago de Compostela — Corunha — La Toja — Vigo — Tuy — Viana — Guimarães.
Inscrição aberta no escritório da EMPRESA à rua da Caldeiroa, n.º 2 e 4 — Telef. 40246. 469

O GAZCIDLA não é tóxico - não faz fumo - não perigoso!
Aquece! Ilumina! Refrigera!
Fogões — Esquentadores de água para Banho e Cozinha! Candeeiros — Aquecedores de sala — Frigoríficos, etc., etc.
GAZCIDLA uma chama viva na cidade, na praça e no campo!
Peça V. Ex.ª minha Senhora, uma demonstração gratuita aos Agentes Centrais TEIXEIRA & FREITAS, L.ª. — Largo dos Navarros de Andrade — GUIMARÃES. 464

ALTO, SR. PROPRIETÁRIO!
Nas s/ compras de TUBOS GALVANIZADOS exija e verifique que sejam de parede normal.
A aquisição de tubos de parede reduzida vai agravar-lhe o orçamento. Consulte-nos e nós o provaremos. Uma única Firma deste concelho importa directamente TUBOS GALVANIZADOS e garante o que vende porque sabe o que compra.
Em TUBOS GALVANIZADOS... ALTO!
Em GUIMARÃES... SÓ
A Competidora de Representações, L.ª
RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4525 8

Laboratório de Análises
Avenida Eng. Duarte Pacheco — Telef. 40404
GUIMARÃES
FERNANDO XAVIER TELEF. 40278
FERNANDO MONTEIRO TELEF. 4742 220

Guardizela
Retardo
Dinamismo e escolhos
Pretendeu — e conseguiu — a activa Junta desta freguesia, que tem como presidente o sr. Abel Gomes da Costa, um subsídio da Câmara Municipal para uns Lavadouros públicos cujos recinto e água foram oferta do benemérito sr. José Alves Dias Machado, a quem Guardizela inteira está — ou devia estar — agradecida.
O referido melhoramento foi levado a efeito no lugar de Santa Luzia.
O sr. José Machado, não poderia, de forma alguma, prescindir da água na sua totalidade e por isso reservou para si o direito de a soltar duas vezes por dia, o que parece não ter executado à risca por necessidade.
Acontece, porém, que algumas mulheres do povo, mal agradecidas, não têm levado a bem a acção do sr. Dias Machado quando este tem necessidade de soltar a água e, por ignorância ou maldade, vêm fazendo uma campanha menos dignificante, o que levou à intervenção dum entidade local que por sua vez também foi, injustamente, censurada.
Ora isto não está certo. E' preciso que sejamos gratos — que não nos esqueçamos do bem que outrem nos fez. E' possível que o que se passa tenha a sua proveniência na puerilidade e menos na maldade. Pois não está bem que façamos tal juízo da gente de Guardizela.
Pois bem: se não fôra a benemerência do sr. José Alves Dias Machado, o lugar de Santa Luzia não gozaria ainda das regalias do lavadouro e fontanário anexo.
Que o sr. Dias Machado solte, ou continue a soltar a água apenas em casos de extrema necessidade, isso será gesto que o povo lhe saberá certamente agradecer; mas que seja criticado quando, em períodos estivais, tenha de cumprir à risca o contrato que com a nossa Junta fez, é que não será justo.
E nós cremos no bom entendimento da nossa Grei.
Assinantes
Deram-nos o prazer de se inscreverem como assinantes deste jornal, os srs. David da Cunha, António Macedo Machado e Manuel Fernandes, todos de Guardizela, gentileza que muito agradecemos. — C.

Casa com gapegem Próximo da cidade, na Costa, servida por estrada, com luz e água, e um Primeiro andar, na rua da Rainha, servindo para escritório ou armazém, Aluga-se. Na redacção se informa. 479
LOJA ALUGA-SE. Muito própria para Escritório, Barbearia, Alfaiateria ou Sapataria. Na rua das Trinas n.º 51. 482